

Como os diferentes estilos de moda feminina chegaram à Paraíba e como foram vivenciados/ experimentados.*

Neste trabalho, pretendemos analisar algumas experiências de mulheres paraibanas, sobretudo, pessoenses e campinenses, que se apropriaram da moda vinda do exterior, embora, recebendo influências nacionais. Para tanto, utilizaremos revistas e jornais que circularam no Estado entre as décadas de 1950 e 1960, e, por motivos óbvios, daremos uma atenção maior às revistas e aos jornais que foram, nesse período, publicados na Paraíba.

Também utilizaremos algumas entrevistas realizadas durante a pesquisa. Neste processo foram escolhidas as pessoas que viveram entre as décadas de 1950 e 1960 sua juventude, por considerar, principalmente, nos anos 60, que elas vivenciaram mais as nuances da moda do que as pessoas que passavam por outra fase da vida e também porque consideramos mais fácil lembrarmos o que aconteceu na juventude do que na infância.

As páginas dos jornais e revistas sobre moda foram encontradas nos tópicos dedicados às mulheres ou aos assuntos “sociais”. O que mostra que moda era conteúdo exclusivo para as mulheres, provavelmente, pelo papel dos gêneros imposto pela sociedade, como às vezes aparece explicitamente em jornais e revistas da época ou nas falas de colaboradores.

As representações da moda feminina

Representações é aqui compreendido no entender de Sandra PESAVENTO¹, que corresponde em presentificar algo ausente, mas não de maneira mimética, porém como uma criação do objeto a ser representado, pois são através das representações que nos comunicamos e nos perpetuamos.

Mais do que informar os artigos formavam/formam representações do que é ser feminino, do que é ser elegante, do que é estar moda, etc. As propagandas de produtos de beleza majoritariamente prometiam elegância a quem os consumisse o que demonstra o quanto ser elegante era importante nesse momento, principalmente nos anos de 1950. Não é à toa que a revista O Cruzeiro possuía uma parte exclusiva para “Elegância e beleza” da autora

*Aluska Targino Dias vinculada a Faculdades Integradas de Patos

¹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. - 2 ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2004 (Coleção História &... Reflexões, 5).

Elza Marzulho. As colaboradoras de nossa pesquisa também fizeram bastante essa associação entre moda e elegância.

Muitas vezes essa imagem de mulher elegante estava ao mesmo tempo associada à dona de casa, pois na mesma página que indicava dicas de beleza e de moda, mostrava também receitas alimentícias e outras atividades domésticas.



Exemplo da imagem da mulher associada à moda e ao lar, percebiam que ela esta arrumada e segurando um objeto doméstico.

“Sociedade”. In: Correio da Paraíba. 15 de Janeiro de 1954, João Pessoa. Pp.2.

Mas, afinal, o que era ser elegante na Paraíba nesse momento? Segundo os jornais e revistas, era ser criativo no modo de se vestir; evitar repetir roupas, o que não significa usar uma roupa apenas uma vez; seguir os critérios adequados ao seu corpo, à sua idade e à ocasião; ser discreta na forma de aparentar-se e ter postura.

Nessas revistas e periódicos transmitiam uma representação de mulher idealizada. Aquela que se mantém bela, que é uma ótima dona de casa, boa companheira; por outro lado, se a relação conjugal enfrentasse uma crise a primeira suspeita de quem desencadeou o problema recaía sobre a mulher.

“Prefira acordar cedo, preparando-se primeiramente com um vestidinho caseiro muito limpo e gracioso. Maquile-se um pouco: é preciso fazer-se bela para ele. Depois, você pode varrer, espanar, arrumar a casa, correr daqui para ali, também mais satisfeita consigo própria”. (Revista do Nordeste, Setembro de 1960: 64.)

A representação de moda presente nos jornais e revistas associa moda com “escravidão”. Em alguns artigos podemos averiguar críticas às mulheres que ficam totalmente a mercê da moda sacrificando seus confortos. Outros artigos mostram que a mulher é “escrava” da moda, mas porque sente prazer de ser, ratificando a idéia de Gilles

LIPOVETSKY² que as pessoas acompanham a moda, sobretudo pelo prazer que ela proporciona. Essa idéia também esteve presente na maioria das falas das colaboradoras. Mas, houve também quem frisou que o maior impulsionador da moda são regras sociais.

Ainda sobre a representação da moda, nas entrevistas houve maiores diversidades. Houve quem relacionou a moda a uma tendência de como vestir-se; quem tentou distanciar-se da moda, porém, incorporando sem perceber o discurso da moda. Possivelmente, essa tentativa de não querer participar da moda, esteja relacionada a que a moda é vista como mera fugacidade e por essa razão não deseja inserir-se. Por fim, houve quem caracterizasse a moda como um padrão estético, efêmero; que, logo, excluía/exclui algumas pessoas. Mas, essas representações foram diferentes em cada época analisada

3.1 Historicidade da moda na Paraíba.

Durante a década de 50, as mulheres paraibanas preferiam usar vestidos longos de mangas fofas ou mangas japonesas³ e o *tailleur*⁴. Já havia o “tomara-que-caia” e o vestido com apenas um ombro que dava sensualidade aquela que vestisse, mas eles eram recomendados apenas para as jovens; enquanto, às mulheres de idade avançada eram recomendáveis vestidos mais pesados e acessórios leves. Os vestidos escuros eram aconselháveis à mulher elegante usá-lo à noite e os claros ao dia, que podiam ser listrados de tafetá, seda, renda e que levavam muito pano.



Modelo “tomara-que-caia” com uma cintura fina de Roberto CAPUCCI de 1957.

O'HARA, Georgina. Enciclopédia da moda.

² LIPOVETSKY, Gilles. *O Império do Efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. – São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

³ Constituíam em mangas curtinhas.

⁴ Combinação de casaco e saia.

Caso a mulher preferisse um conjunto de saia e blusa, a saia deveria ir até os joelhos, simbolizando a mulher moderna que praticava esporte. Lembremos que o presidente Getúlio Vargas foi um incentivador dos esportes. Ao mesmo tempo era a roupa da mulher considerada digna. O conjunto podia ser acompanhado por um bolero⁵, luvas, colares de pérola (quase sempre imitações), bolsas pequenas e chapéu preto muito comum. Os acessórios deveriam ser discretos, porque para ser elegante, como vimos, era necessária discrição. Já a maquiagem era criticada, principalmente, para as jovens. Mas caso, elas a quisessem maquiar-se poderiam contar com o ruge como o Angel Face e o batom chama vermelha da Coty.



Essa propaganda sugere sensualidade (observem que os lábios femininos são destacados) e modernidade.

O Cruzeiro. 13 de novembro de 1954. Pp.5.

Para ir à praia a mulher usava quase que exclusivamente o maiô, embora, já existisse o biquíni; acompanhado de um short e para evitar o sol intenso um chapéu de palha e um óleo⁶.

Os jornais e revistas estavam sempre dando dicas econômicas para a mulher manter-se bela e com a pele sem mancha, nem cravos; o corpo ideal (nem magro, nem gordo) e as pernas sem celulite. Essas receitas aparecem também nos depoimentos. Mas, se a pessoa não desejasse modelos caseiros poderia, por exemplo, usar o creme dental Kolynos e para a pele o Leite de Colônia ou Leite de Rosas ou ainda, o Antisardina.

“Bata bem batida duas gemas de ovo antes do banho, ponha em sua cabeça, friccionando fortemente o couro cabeludo. Depois, deixe secar bem. Quando for lavar os cabelos ponha algumas gotas de limão sobre os mesmos, esfregando-os. Retirada toda a gema, eliminando todo o mau cheiro você, lava novamente o cabelo, usando o Champú”. (O Norte, Dezembro de 1957: 6)

⁵ Casaquinho de origem espanhola, aberto, sem mangas, quase chegando à cintura. Ele ressurgiu nos anos 50,60 e 70, sendo trajado com saias ou calças. Para a noite, eram comuns os boleros de veludo preto. Para o dia, os boleros são feitos de vários tecidos como o algodão, brocado, feltro, brim e couro.

⁶ Ainda não existia o protetor solar.

Os penteados eram geralmente inspirados no século XVIII. As “ascenedettes”, nome dado aos coques naquele tempo, eram a última moda para aquelas jovens e as senhoras que freqüentavam os clubes considerados choques da capital paraibana. Em fins dos anos de 1950, as mulheres podiam usar perucas com cores vibrantes como o loiro e o ruivo.

Todavia, essa lógica da moda nos anos 50 não pode ser aplicada em toda Paraíba, em cidades do interior como Sumé a arte da moda e da beleza se restringia à roupa confeccionada pelo/pela alfaiata. É certo que os/as sumeenses podiam contar com algumas revistas de moda, contudo, em número muito menor comparado às cidades de Campina Grande e João Pessoa⁷.

Já nos anos 60, a indústria da moda trouxe algumas novidades que ajudavam as pessoas a se embelezarem como o secador, embora, este só se tenha popularizado bem mais tarde, o xampu colorante ou ainda o primeiro creme dental com flúor.



O Cruzeiro. Dezembro de 1963. P.68

As estrelas serviam de modelos de aparência e individualidade a serem seguidos como a cantora Wanderlea, principalmente, o cabelo, segundo a colaboradora Hilda Maria. As jovens também gostavam de imitar a atriz Leila Diniz e Regina Duarte e os cílios da modelo Twiggy⁸.

As mulheres dos anos 60 continuavam usando o “bolero”, o casaco, o chapéu, os relógios de tamanho pequeno, os vestidos de estampa listrada ou de bolinha e os maiôs, embora, tenha começado a usar mais o biquíni, mas, as mangas fofas entraram em desuso e

⁷ Macêdo, Hilma Carmem Pereira de. *Nas f(r)estas da memória: as festas da padroeira de Nossa Senhora da Conceição em Sumé – PB NAS DÉCADAS DE 1940 E 1950*. Monografia. Campina Grande, 2007.

⁸ Lançada no mundo da moda em 1966. Eleita “o rosto de 1966”, se tornou símbolo da década com seu jeito moleque de olhos grandes.

foi acrescentado o uso das botas; a jaqueta⁹ para os jovens ou na expressão da época, para os brotos; popularizou-se o zíper; as saias plissadas e as grandes golas.

Porém, a sensação era o tubinho que, geralmente, era curtinho. Os valores culturais mudaram tanto de uma década para outra que as saias curtas não mais simbolizavam uma mulher indecente, embora, fosse mais aconselhável para as jovens. Havia tubinhos que atingiam os joelhos, todavia, eles sempre eram ligadinhos ao corpo e de gola alta. Aqui, percebe-se que um estilo de roupa variava em sua duração, dependia se a tendência fosse bem aceita pelo público. O tubinho, por exemplo, durou muito tempo, apenas de um período para outro sofria algumas pequenas modificações como na gola.



Exemplo do tubinho que, geralmente, era acompanhado por botas brancas.

www.fashionnubbes.com/?s=anos+60++exposiçãono+victoria+%26+abert+museus (acesso em setembro de 2008).

A duração da moda dependia também do período do ano, por exemplo, durante as festas juninas era comum encontrar camisas xadrez para os homens e também percebemos que a moda era mais inflexível, os alfaiates usavam, por exemplo, o mesmo modelo de roupa para várias pessoas. Logo, era comum encontrar nas ruas pessoas que se vestiam de forma quase idêntica. Quanto ao sapato dos anos 60 seguia-se a moda italiana, correspondendo a sapatos de várias cores com bico fino ou arredondado e quando possível, na mesma padronagem do vestido, que fosse estampado ou liso.

⁹ Paletó jaquetão pesado que fosse até os quadris. Inicialmente usado por marinheiros e operários no século XIX.



SOLARI, Jean. O Cruzeiro. 25 de julho de 1964.

Os padrões da moda exigiam um cabelo liso e para conseguir esse efeito a mulher poderia até passar “ferro” no cabelo (prática que existe até hoje para as mulheres que não podem comprar uma chapinha) ou poderia fazer uma touca, (que ainda persiste, atualmente) e consistia em enrolar o cabelo em volta da cabeça com a ajuda de uma escova e frisos (grampos). Feito isso, poder-se-ia sobrepor uma touca feita com a parte mais larga das meias finas que elas também usavam. Quanto ao penteado, a preferência era que fosse alto, tal tendência persistiu até a década de 1970, quando as mulheres usavam, para complementar, areia prateada nos cabelos.

Quanto aos tecidos, a maioria ainda existe hoje, segundo a colaboradora Josefa Xavier, só que com outros nomes, era comum também alguns tecidos serem postos para homenagear alguém. Os tecidos mais comuns era cambraia, organdi, seda, linho, cetim, algodão (popeline, mãe dolores, tricoline), etc. Aqui, percebemos o sacrifício para estar na moda, pois, por exemplo, a seda javanesa era muito quente, mesmo assim as pessoas a usavam, ou seja, neste caso, observa-se uma imposição da moda. Naquela época pesquisada era mais comum as pessoas entenderem de tecidos do que hoje, já que escolhiam um para as costureiras produzirem as roupas. A partir dos tecidos era também observável a hierarquia social, já que nem todo mundo possuía condições de comprar, por exemplo, a seda pura.

No tocante ao movimento *hippie*¹⁰ na Paraíba podemos dizer que ele foi muito restrito. Os paraibanos que participaram foram, sobretudo, os que moraram em maiores centros urbanos do Brasil como São Paulo e Rio de Janeiro na época. Entretanto, mesmo no Brasil não foi um movimento tão organizado se compararmos aos Estados Unidos até porque vivíamos em época de ditadura e como sabemos a repressão era algo muito presente. Ainda na

¹⁰ Jovem que na década de 1960 e 1970, rejeitava os valores da sociedade de consumo, se vestia de modo não convencional (com influência da moda oriental), deixava crescer os cabelos, desprezava o dinheiro e o trabalho formal.

Paraíba, existiram algumas exceções de pessoas que aderiram ao movimento, principalmente, aquelas que cursavam, na universidade, a área de Humanas.

As pessoas que aderiram ao movimento tentaram expressar, pelas atitudes e até no modo de vestir-se uma contestação ao falso moralismo, à falta de liberdade e à desigualdade entre os gêneros, recebendo influência do movimento feminista. Suas roupas eram soltas, coloridas, com saias longas de algodão, muitos bordados, roupas emendadas. Tudo feito artesanalmente, pois contestavam a industrialização e os danos provocados por ela como a desigualdade social. Os cabelos eram longos, amarrados com tiaras, enfeitados de chita e nos pés, um chinelo.

Havia quem desprestigiasse aquelas pessoas porque elas tinham para muitos a conotação de pessoas sujas, que não penteavam os cabelos. Segundo a colaboradora Adenusa Targino, existiram homens e mulheres com esse perfil, entretanto, a maioria não era assim e outro fato, representado pela análise da colaboradora, atualmente, é que algumas pessoas se aproveitaram do movimento para não precisar tomar banho. Essas pessoas, segundo Adneusa Targino, não possuíam um ideal político, social e nem cultural. Também havia aquelas quem considerava um visual bonito devido à alegria e espontaneidade que transmitia.



Janis Joplin, ícone do movimento *hippie*.

www.letrasdemusicas.com.br/imagens/artistas/2654/119544458.jpg (acesso em 05/03/2008).

Posteriormente, a moda se apropriou da tendência existente nas ruas e lançou o *hippie* chique, pois nem sempre a moda saiu das passarelas para as ruas, diversas vezes aconteceu o contrário. As mulheres compravam roupas caras de boutique, o que confirma uma aceitação dos *hippies* no tocante ao visual, só que a moda *hippie*, como as pessoas entrevistadas fizeram questão de ressaltar, era um *hippie* visualmente mais comportado, pois muitos jovens paraibanos, segundo Tânia Montenegro, além de acharem o visual bonito, gostavam da idéia de liberdade que o movimento transmitia, devido à repressão que sentiam dos pais, então,

queriam libertar-se dessas amarras. Mas como não possuíam coragem de participar do movimento político dos denominados *hippies* aderiram apenas à moda *hippie* chique.

Então, era comum encontrar nas ruas saias grandes e floridas, batas indianas, cabelos compridos ornamentados com flores, sandálias de dedo e bandanas do mesmo tecido que a blusa. Era comum as amigas se vestirem com o mesmo modelo e até o mesmo tecido e estampa, o que não era mal visto, até porque como a moda era mais inflexível, os jovens não possuíam muitas escolhas.

Enfim, percebemos a partir dos relatos orais e escritos (jornais e revistas), que a Paraíba acompanhou de maneira mais modesta as tendências da moda e um canal de divulgação da moda eram os concursos de beleza, a moda era predominantemente feminina e as entrevistas mostram particularidades paraibanas como um maior atraso na moda de consumo caracterizada pela roupa pronta da década de 1960.